

Editorial

Ser ou não-ser LGBTQIA+?

A construção dialógica dessa pergunta tenciona fatores diversos imbricados em reais possibilidades de existência, seja ela subjetiva, social, cultural e até mesmo jurídica. Poder Ser LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais/travestis, queer, intersexo, assexual, entre outras possibilidades e variações de existência) impacta, por vezes, em prenúncios de arranjos e tropeços que levariam tal experiência de Ser para um lugar ainda guetificado, violento, opressor, cruel, adoecido e até mesmo criminalizado mediante o ambiente social constituído.

O que quero dizer é que tal existência, infelizmente, ainda seria pautada pela ausência de políticas públicas efetivas que garantissem ao sujeito LGBTQIA+ uma possibilidade de existir no mundo como qualquer outro cidadão de direito, haja vista, como exemplo, a pouca eficiência, despreparo das autoridades e negligência acerca dos crimes de lgbtfobia no Brasil, como também dados subnotificados, pouca ou nenhuma assistência as vítimas e famílias, entre outros fatores degradantes. O próprio fato de ser imprescindível a criação de uma lei específica para crimes de lgbtfobia já denotaria que algo muito errado ocorre em nossa sociedade.

Ainda hoje, Ser LGBTQIA+ seria um ato de resistência. Mas contra o que resistimos? Resistimos a qualquer tipo de restrição preconceituosa que viole o direito de ser como somos, humanos: Simples assim!... Contudo, a vivência da simplicidade ainda não é algo permitido para boa parte do público pertencente ao universo LGBTQIA+. A simplicidade a qual me refiro estaria pautada na beleza de existir sem precisar pensar sobre essa existência. O gesto espontâneo, despreocupado e livre, sem amarras ou inquietações, ainda seria algo tristemente distante na realidade de parte da população LGBTQIA+. Uma existência que permitiria ser simplesmente sendo e acontecendo, ainda estaria longe de ocorrer. Tal fenômeno violento e cruel que arrancaria a vivência da simplicidade e tranquilidade da existência do público LGBTQIA+, levaria a marcas psíquicas e sociais regadas de estigma, preconceito, medo, desconhecimento, aculturação, desenraizamento, incredulidade em si mesmo e sentimentos de culpa de ser quem se é. Essa realidade por vezes barulhenta representada por chutes e pontapés ou mesmo silenciosas como o olhar que condena, ignora e segrega, marcaria profundamente tal vivência.

Talvez por isso, pela impossibilidade da vivência do dito simples, da tranquilidade de ser quem se é, sem ter o medo de ser agredido, violado ou até mesmo morto, demonstra o quanto a história dos LGBTQIA+ é marcada por complexidades, diversidades, lutas, conquistas, mortes e sangue. O primeiro a ser morto seria da ordem do ético. A não existência da vivência ética implicaria no apagamento e na coisificação do sujeito em todas as suas possibilidades de expressão e representatividade. A sexualidade, a orientação sexual, as questões de gênero, são marcas que apresentam o sujeito no mundo, uma das formas de dizer quem se é. Com isso, qualquer interferência em tal liberdade de expressão e existência impactaria no roubo e no extermínio de tal possibilidade. No momento em que necessitamos parar para nos preocupar com a nossa possibilidade ou não existência no mundo, aqui já residiria um grande problema social e cultural.

No presente volume temático da Revista Pathos, em comemoração ao mês junho, mês da diversidade e do orgulho LGBTQIA+, todos os artigos publicados versam e ou se relacionam com essa temática. Abrimos o nossa revista com um artigo relevante acerca da representação social dos usuários da PrEP (Profilaxia Pré-Exposição), um tratamento de prevenção à contaminação pelo HIV. Como principais resultados foram encontradas categorias de discurso relacionadas a ideias de cuidado e prevenção, como também noções que compartilham de representações associadas ao medo do estigma e do preconceito que recai sobre o HIV/Aids.

Na sequência apresentamos um artigo sobre do luto simbólico em famílias de pessoas transgêneros. O diálogo proposto nesse trabalho pretendeu enfatizar a urgência em transcender as construções de cisheteronormativas e contribuir para melhorias na qualidade dos serviços de saúde oferecidos para a população trans e seus familiares, especialmente no que diz respeito aos discursos das perdas e do luto.

Outro trabalho publicado versa sobre a Agenda 2030 da ONU e a invisibilidade da população LGBTQIA+. Nesse sentido, o artigo destaca a falha em não considerar a situação da população em específico como uma das prioridades, por ser uma das pautas que mais acumulam violações de direitos humanos no mundo.

Em seguida apresentamos um artigo que traz a proposta de discutir a participação da psicologia no projeto da modernidade, sendo situada como instrumento de produção de corpos e subjetividades. Possui como pano de fundo considerações acerca do fim do mundo necropolítico. Foi relatada a experiência de 8 profissionais de psicologia atuantes no enfrentamento a LGBTfobia como caminho em direção a prática de uma Psicologia não-fascista.

Na sequência, temos a honra de apresentar a entrevista com uma das figuras mais reconhecidas e queridas do mundo LGBTQIA+, o ator transformista, preto, Drag Queen, Silvetty Montilla, que gentilmente abraçou o projeto da Revista Pathos e se disponibilizou para esse gostoso bate-papo, além de também abrilhantar com sua esfuziante figura a capa da nossa revista. Entendemos que não haveria melhor pessoa para representar o presente volume.

Em seguida apresentamos dois relatos da prática, o primeiro que versa sobre a atuação da medicina para o público LGBTQIA+ trazendo em seu relato a sensibilidade na atuação médica e a importância ética como garantidor de saúde pública. O outro relato conta a história de uma empresa que surge com base em experiências lgbtfóbicas de pacientes em settings analíticos. Apontam como principal objetivo a mudança de tal cenário e a efetivação de uma atuação não psicopatologizante em saúde mental, atuação essa que garanta o respeito a diversidade com base da inclusão, na ética e na garantia de direitos LGBTQIA+.

Apresentamos também uma entrevista/texto autoetnográfico em que o autor mostra como a obra de André Medeiros Martins, principalmente seu último lançamento – o livro “Vulgar”, o levou a realizar uma crítica literária “ao vivo” e “online” na primeira fase da pandemia COVID-19 no ano de 2020.

Por fim, apresentamos nossa seção conjunturas, com dicas, fatos e conquistas atuais no universo LGBTQIA+. Obrigado pela companhia e desejo a vocês uma ótima leitura... Juntos somos mais fortes!...

Ricardo Rentes

Editor Chefe